

Sociologia da Religião: uma abordagem para o Ensino Médio

Autor: Marcus Vinicius Santos Repa

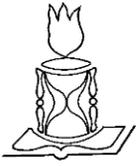
2º semestre/ 2017

Texto Teórico

1. Introdução

O estudo sobre religião passou por diferentes momentos na análise sociológica, sendo, posteriormente, um tipo de pesquisa mais detido sobre as conduções de vida na sociedade moderna racionalizada. Nesse sentido, os primeiros teóricos sociológicos, isto é, Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920), debruçaram-se em tais exames buscando a religião como fonte interpretativa das relações sociais e sua figuração à sociedade de suas épocas. Na contemporaneidade, os teóricos da sociologia da religião pautaram seus trabalhos nas abordagens sobre os novos movimentos das religiões, ou seja, suas relações com a política, mudanças propostas pela secularização, atividades de organização desses grupos e confissão religiosa nos espaços públicos (Willaime, 2012).

Por outro lado, o esboço teórico, no caso brasileiro, tenciona as mudanças religiosas que ocorreram no país durante a década de 80. Nesse momento, as análises sociológicas sobre a religião são realizadas, a partir de dados empíricos que



apresentam possíveis interpretações sobre aproximação com grupos partidários, questionamentos sobre costumes e práticas sexuais, direitos reprodutivos, entre outros temas¹. Desse modo, tomando por base os dados fornecidos pelo IBGE (2010) no censo do mesmo ano, a pesquisa notou o aumento de pentecostais e conseqüentemente o declínio estatístico de praticantes ou crentes no catolicismo tradicional. Tal ampliação resulta também em apontar que as demais religiões que saem do núcleo cristão são representadas apenas por 5% da população que se distribuem em islâmicos, espíritas, umbandistas, candomblé, e demais confissões. Assim, a mudança da configuração religiosa repercute, em partes, nos tipos de estudos sociológicos sobre a religião, especialmente àqueles voltados para a discussão política.

Portanto, a Sociologia da Religião, mesmo que apresentada aqui de modo introdutório, parece apresentar potencialidades ao indicar, a partir dos estudos tradicionais da sociologia, uma contribuição para que a crítica da sociedade na contemporaneidade, utilizando os conceitos dos fundadores da disciplina para analisar as formas religiosas presentes na sociedade. Além disso, as pesquisas realizadas no Brasil revelam as particularidades religiosas em âmbito nacional e seu comportamento diante de conteúdos políticos, culturais e econômicos.

2. Tradição Sociológica: Marx, Weber e Durkheim.

O tema da religião aparece nos três pensadores de modo diverso, seja pela conceituação, lembrando a definição de Durkheim sobre a religião, a perspectiva de Karl Marx sobre Estado e religião, além do trabalho de Max Weber, que orienta seus estudos utilizando o fenômeno religioso como tema para compreender a modernidade criticamente. Entretanto, segundo Jean-Paul Willaime (2012), somente com a mudança social para a secularização foi possível para que eles incrementassem seus trabalhos buscando uma análise científica sobre o fenômeno

1 As abordagens serão demonstradas na seção específica do caso brasileiro e a contribuição de cada autor/autora nos estudos mencionados.

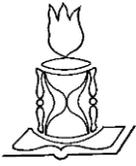


religioso. Ressalta-se, aqui, que os autores não abordam diretamente uma sociologia da religião como fenômeno social, e sim, como um meio de vida na qual os convívio se dá pela mesma doutrina, norma ou dogma a fim de criar laços sociais e seus grupos, argumentando como se divide o mundo social baseado na razão (Willaime, 2012).

Em Karl Marx (1979), por exemplo, o assunto religioso é esparso em seus escritos. Entretanto, para uma indicação introdutória, a religião se configura no centro das relações sociais, sendo a liberdade religiosa parte do ideário burguês para circulação de pessoas e mercadorias. Tal condição proporcionou ao luteranismo que seus princípios de fé se aliassem à responsabilidade do trabalho, logo, meio de acúmulo de capitais. Sendo assim, as práticas religiosas não são nada além de mercadorias, pois ideias de liberdade para religião e liberdade de consciência proclamam uma concorrência livre no conhecimento (Marx, 2010). Além disso, encontramos no mesmo autor:

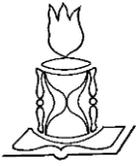
“A forma mais cristalizada do antagonismo entre o judeu e o cristão é o antagonismo *religioso*. Como se resolve um antagonismo? Tornando-o impossível. Como se faz para tornar impossível um antagonismo *religioso*? *Superando* a religião. Assim que o judeu o cristão passarem a reconhecer suas respectivas religiões tão somente como *estágios distinto do desenvolvimento do espírito humano*, como diferentes peles de cobra que nelas trocou de pele, eles não se encontrarão mais em uma relação religiosa, mas apenas em uma relação crítica, *científica*, em uma relação humana. A *ciência* constitui então sua unidade.” (MARX, 2010; p.34)

A discussão, aqui, é justamente tratar a religião como algo superável no espírito humano, e em se tratando das relações sociais, um mecanismo de não emancipação diante do modo de produção capitalista. Ou seja, o que se diz é que a contradição entre Estado religioso e um ambiente hostil a um grupo religioso só é superado quando o tema religioso é absorvido. E o Estado mesmo estando longe da religião, não altera que a “*maioria esmagadora* continue religiosa”, onde agora a religião seria tratada apenas em seu modo privado. (Marx, 2010, p.39).



Por isso, Willaime (2012) destaca que a concepção marxiana de crítica política e filosófica à religião deriva de um argumento que se concentra na abordagem do fenômeno religioso como um suporte de "contentamento", o qual faria parte os poderes da classe dominante e autoridades religiosas para manutenção do sistema exploratório. Assim, a religião é percebida como ideologia, no sentido de ilusão ou falseamento da consciência. Ainda para o autor francês, Marx não percebeu as potencialidades do cristianismo, mesmo em sua tradição religiosa, ser responsável por determinar certas condutas de vida que auxiliariam luta social e incitação contrária ao *status quo* (Ibidem, 2012). Para o autor, apesar disso, a abordagem de Marx salienta o conhecimento e desconhecimento sobre as visões religiosas dos indivíduos sobre o mundo social, instrumentalizando em partes a religião para uma conduta política que relaciona as formas práticas de mensagens simbólicas dadas pelo plano religioso nas instâncias de classes sociais: como o mundo é percebido e interpretado na religião burguesa, de classe média ou dos oprimidos (Ibid.; 2012).

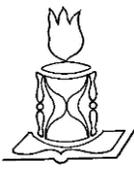
Seguindo a proposta de apresentar a perspectiva clássica acerca do fenômeno religioso, temos em Émile Durkheim (1984) a discussão que delimita a expressão de definir a sociologia da religião como um tipo de estudo que reorganiza. a partir da religião primitiva do totemismo, o meio de análise para o funcionamento de certas características que estão próximas das sociedades mais evoluídas. Assim, a religião seria um fenômeno também de conhecimento, pois no limite, há certas representações religiosas que dizem muito sobre a organização social, formação de categorias de pensamento, proibições e permissões. O contorno realizado pela religião aponta as regras de conduta sociais dentro do grupo, espaço geográfico ocupado, orientando o modo de vida coletivo e mediando os fazeres individuais de pertencimento ao clã. Então, haveria uma possível teoria sociológica da religião, especialmente nos escritos que se destinam aos estudos sobre totemismo e formas religiosas. Para isso, o autor define religião como "um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada de igreja, todos aqueles que a elas aderem" (Durkheim, 1996; p. 32).



Descreve-se aqui a religião como um sistema complexo que se estabelece pela junção de suas partes. Os primeiros elementos daquela devem ser observados através de duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos, sendo as primeiras representações, e os segundos, ações determinadas. Aqui, o autor credita a religião como um sistema de classificação das coisas reais ou ideais em sagrado e profano. O mundo é dividido em duas partes antagônicas (dualidade/ heterogeneidade/ rivalidade), pois "a coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar" (Durkheim, 1996). Ademais, Durkheim também define a crença religiosa como: "representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas", compondo determinadas regras de conduta num mundo bipartido. Nesse sentido, o autor afirmava em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912) [1996] que a ideia de religião é inseparável da de igreja e que a religião é um sistema solidário de crenças, assinalando seu comportamento eminentemente coletivo.

A ideia central na perspectiva durkheimiana consiste, segundo Willaime (2012), em caracterizar o sagrado em oposição ao profano e religião seria então um modo de distanciar a esfera mundana (cotidiana). Por isso a definição de Durkheim sobre a religião, acima mencionada. Desse modo, ela é tratada como algo coletivo, onde a sociedade transmite aos membros uma vivência que fortalece os laços sociais (Willaime, 2012). Embora tenha realizado sua pesquisa a partir de documentos sobre o totemismo e este ser parte de um tipo de sociedade caracterizada pela solidariedade mecânica², a abordagem de Durkheim, salienta que religião se torna um ponto de "ação" que os indivíduos são impulsionados pelo agir da fé, mesmo que a ciência disponha de teorias e formas de conhecimento. Acontece que o autor se detém na sociedade moderna, baseada na solidariedade orgânica e desdobra sua argumentação para o sentido de sagrado a partir da sacralização da pessoa humana com as possíveis formas de laços sociais e direitos. (Willaime, 2012).

² Na solidariedade mecânica os indivíduos partilham de uma consciência coletiva, isto é, crenças comuns aos membros de uma comunidade que tem como direito repressivo o expoente de regramento social. Os laços sociais, ou solidariedade, são compostos pelo pertencimento à coletividade. Ao contrário da solidariedade orgânica que partilha de uma ideia de divisão do trabalho, autonomia individual e direito restitutivo. (Durkheim, 1995).

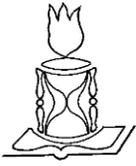


Posteriormente, nos estudos de Max Weber (2004), salientam-se as possibilidades da religião ser estudada como meio de conduta social e princípio moral de vida aos agentes sociais. O estudo sociológico do autor propõe, em aspectos gerais, uma interpretação da sociedade acerca dos temas econômicos, religiosos, jurídicos, entre outros; pelas suas articulações autônomas. Nesse sentido, a ideia da Sociologia da Religião em Weber é orientar seu exame a fim de encontrar possíveis explicações para afinidades entre racionalização da vida moderna e comportamento religioso. A sociologia weberiana entende o estilo de vida do religioso como identificação de certa perspectiva sobre o mundo.

A Sociologia da Religião em Weber se pauta pela descrição de papéis dos principais atores do mundo religioso, mostrando que as religiões podem ser classificadas em diferentes caminhos para salvação (ascético disciplinado eticamente ou o da contemplação), apontando que as diferentes religiões mundiais se relacionam diferentemente no mundo secular como abertura do mundo (judaísmo), adaptado ao mundo (islamismo), fuga do mundo (budismo) e rejeição prática do mundo (cristianismo primitivo). (Weber, 1963). Dessa forma, o autor analisou a religião visando captar a forma como influi sobre a conduta, a ação e a interação social, tendo como panorama o estudo das religiões para compreender certa influência religiosa sobre a ética econômica.

Na percepção de Willaime (2012), há um modo peculiar no trabalho investigativo de Max Weber em tratar a religião como regulação entre atividades dos indivíduos com o fenômeno "sobrenatural". Por outro lado, segundo o escritor francês, na perspectiva weberiana a religião não é dada pela irracionalidade, e sim, por diferentes tipos racionais que são essenciais no surgimento da modernidade (Willaime, 2012). Nesse sentido, Weber considera a religião como uma forma da humanidade confrontar-se com a irracionalidade do mundo, todavia, dado pelo fato religioso colocado à sua época e sociedade (Hervieu-Léger; Willaime, 2001).

Não por acaso, seu trabalho em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2008) no qual o interesse se dá pelo estudo do comportamento religioso em face à novidade do capitalismo como sistema econômico. Há nesse estudo a indicação de afinidades eletivas entre a conduta religiosa e sua intenção ascética



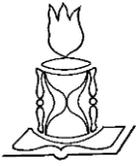
(austera) do mundo com aquela condução de vida que prima pelo trabalho como vocação. Aqui, o hábito de zelar pelo trabalho como fim em si mesmo, aproxima-se de um estilo de vida de mentalidade religiosa que valoriza determinadas ações racionais durante a vida, que em partes freiam os impulsos de consumo e gastos dispensáveis. Dessa forma, esse sentimento que mescla religiosidade de poupar as riquezas produzidas pelo trabalho potencializou uma ética de valorização da profissão e acúmulo dessas riquezas:

"O que essa época religiosamente vivaz do século XVII legou à sua herdeira utilitária foi sobretudo e precisamente uma consciência imensamente boa [...] no tocante ao ganho monetário, contanto que ele se dessa tão-só na forma da lei[...] Surgira um *ethos profissional* especificamente burguês. Com a consciência de estar na plena graça de Deus e ser por ele visivelmente abençoado, o empresário burguês, com a condição de manter-se dentro dos limites da correção formal, de ter sua conduta moral irrepreensível e de não fazer de sua riqueza um uso escandaloso, podia perseguir os seus interesses de lucro e *devia* fazê-lo."(WEBER, 2008; p.161).

Portanto, nesse primeiro momento, procurou-se apresentar em linhas gerais como a tradição sociológica lida com o tema da religião como crítica à modernidade. Embora cada autor tenha seu método e tema de pesquisa que varie conforme a lógica interpretativa, cabe ressaltar a aproximação deles em perceber a mudança da sociedade para a secularização da vida cotidiana. Contudo, esse primeiros estudos adiante serão tratados em suas especificidades que partem da sociologia religiosa (exame sobre uma religião específica) para a sociologia das religiões.

3. Sociologia das Religiões e Contemporâneo religioso

Em *Sociologia das Religiões* (2012) Jean-Paul Willaime dedica seus estudos ao mapeamento da corrente analítica sobre a sociologia que tem como objeto a



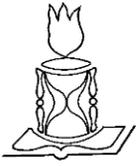
religião. Num primeiro momento, segundo o autor, o início do assunto era abordado em meios cristãos, sendo vinculados detidamente nesses espaços religiosos, e a partir dos estudos sociológicos de tais grupos sobre o fenômeno religioso. Nesse sentido, o interesse se dá pela utilização da sociologia para examinar as realidades religiosas, principalmente nos ambientes que se desenvolvem os trabalhos, por exemplo, sobre pentecostais na Carolina do Norte (L.Pope), e relação entre protestantes e católicos na Nova Inglaterra (K.W. Underwood). Aqui, revela-se que os autores buscavam compreender o fenômeno religioso dentro das relações sociais dentro de grupos com profissão de fé, objetivando construção de perfis e conduta religiosa na sociedade (Willaime, 2012).

Em seguida, os estudos se concentram especialmente na França e articulam a perspectiva da escola sociológica francesa³, localizados em Gabriel Le Bras (1891-1970). O autor busca compreender as instituições religiosas, suas práticas, tendendo a construir um arcabouço histórico e crítico sobre as formas diversas de apreensão do catolicismo nas diferentes regiões francesas. Essa dimensão geográfica de análise permitiu a criação de uma tipologia que se dividia em quatro partes:

"os estrangeiros e a vida na igreja (ou dissidentes); os conformistas episódicos (aqueles que vão à igreja para os ritos de passagem que marcam os grandes momentos da vida como batismos, primeiras comunhões, casamentos, enterros); os praticantes regulares (aqueles que frequentam a missa dominical, confessam e comungam na Páscoa); e os devotos (militantes religiosos)." (WILLAIME, 2012; p.73)

O que se observa é um exame minucioso sobre o catolicismo francês. Nesse momento, a sociologia das religiões, como dito anteriormente, está focada no estudo religioso delimitado e debruçado apenas em uma religião. Adiante, o *Grupo de*

³ Trata-se de uma tentativa de condensar os estudos realizados pela revista *L'Année sociologique* fundada por Émile Durkheim em 1897. Nesse espaço de debates foram realizadas diversas pesquisas sociológicas e interdisciplinares. Pensadores como Maurice Halbwachs e Marcel Mauss são os nomes mais recordados para dimensionar as obras, comentários, artigos e tipo de ensino que orientavam a "escola" (Hervieu-Léger; Willaime; 2009).

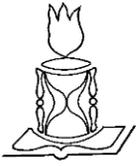


Sociologia das Religiões mudará o panorama de análise acrescentando outros universos religiosos em suas análises (Willaime, 2012). Ou seja, buscaram dialogar com a tradição sociológica e encontraram temas que se aproximavam da crítica clássica. Assim, os assuntos passaram a serem diversos, podendo ser destacados aqueles compostos da crítica marxista para compreensão do socialismo religioso e messiânico, cristianismo e classe operária, religião popular e esfera sagrada, evolução do clero e secularização da vida social e misticismo. (Ibid.; 2012).

O interesse do *Grupo* é dialogar com o avanço das práticas religiosas, dando atenção também, não somente ao catolicismo tradicional na sociedade moderna, mas suas formas apreendidas socialmente. Para isso, constituem um núcleo de estudos que introduzem a sociologia da religião fundamentos sociológicos que delimitam as referências analíticas. A investigação pauta-se pelo desdobramento e diversificação temática, incluindo além das religiões cristãs, o judaísmo e os primeiros momentos de análise protestante (Willaime, 2012).

Se no primeiro momento da sociologia os exames são realizados em grupos pentecostais norte-americanos, segundo Willaime (2012), na Europa esse tipo de estudo parte pelo interesse religioso em sua relação histórica, buscando a identidade de tal grupo pela memória e pertencimento. Além disso, o interesse estava voltado para entender a relação entre indivíduo e instituição eclesial, a urbanização e os efeitos sobre a vida religiosa, estabilidade de profissão de fé em países específicos (França, Alemanha, Suíça, etc.). Posteriormente, os estudos sobre o protestantismo nesses países foram pautados em duas direções: a primeira que articula a relação entre indivíduo e suas condições de vida particular e societária, e outra, salientada pela caracterização e impacto dos grupos evangélicos e pentecostais na vida social. (Ibid.; 2012).

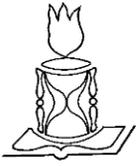
Após longo processo de estudos sobre o campo da religião, as pesquisas tenderam a sua internacionalização, e com isso, a perda de confissão religiosa. Com o intuito de transformar-se em ciência, os pesquisadores se afastam dos centros religiosos que carregavam os objetivos de análise sobre formas religiosas específicas (catolicismo, judaísmo, protestantismo) para um tipo de associação que trabalhou em diferentes meios religiosos. Aqui, pouco a pouco, os arquivos, revistas e grupos



teóricos caminham para os estudos empíricos baseados em textos clássicos da sociologia para formalizar uma documentação bibliográfica pluridisciplinar e religiosa que modifica a perspectiva sociológica da religião na contemporaneidade, especialmente, deslocando o eixo debatido apenas numa comunidade religiosa para a apreensão das identidades étnicas, sincretismos, ecumenismos em "novos movimentos religiosos" (Willaime, 2012).

Na sociedade contemporânea, a pesquisa da Sociologia da Religião encontra um ambiente renovado, no sentido de fenômenos religiosos que surgem a partir das relações entre religião e política, terapia, crenças flexíveis e pragmáticas, entre outras. (Willaime, 2012). Por um lado, os "novos movimentos religiosos" surgem a partir das últimas décadas e o fenômeno pode ser identificado pela experiência individual no grupo, adesão às doutrinas e formas de sabedoria com própria visão do mundo, voltada para a vida na terrena, flexibilidade das participações e nas crenças, reconciliação entre mundo espiritual e material. (Ibid.; 2012). Por outro lado, surgem os grupos religiosos mais fundamentalistas, isto é, com maior apreço ao integralismo do indivíduo em relação à religião que professa. Entretanto, cada religião segue suas próprias tradições no que se refere aos termos de radicalização. Nesse sentido, a ideia de integralismo no catolicismo se expressa pela contrariedade em relação ao liberalismo político e econômico, buscando novos métodos de evangelização para restaurar a ordem e autoridade diante das reformas e inovações propostas introduzidas pelos processos históricos e sociais ao longo do século. (Ibid.; 2012).

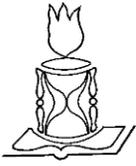
Segundo Willaime (2012), o radicalismo religioso ou o fundamentalismo, especialmente o protestante, acontece logo de início no século XX. As reações desses grupos religiosos são contrárias ao liberalismo social, e enfatizam o retorno de crenças essenciais do cristianismo, condenando a perspectiva científica darwinista. Nos anos 80, discutiam a proibição de ensino de ciências biológicas com teoria evolutiva nas escolas públicas, pois afetariam a interpretação bíblica do mundo. A questão para o radicalismo protestante se dá menos pela sociedade moderna e seu liberalismo econômico e político, do que pela rigorosa percepção de mundo baseada na doutrina e moralidade. (Ibid.; 2012.). Nos grupos judaicos, os ultraortodoxos priorizam um tipo de conduta pela integração da vida com a doutrina



religiosa, condenando a sociedade secularizada e moderna. No islamismo, o movimento fundamentalista se aproxima de inspirações políticas que condenam as sociedades modernas com suas idolatrias e corrupção de valores, dizendo-os "bárbaros" (Ibid.; 2012). Aqui, há também certo debate se o fundamentalismo se encontra apenas na dimensão religiosa ou se torna um ativismo sociopolítico. Há que se dizer que existem outras formas de radicalismo religioso. Alguns grupos possuem características peculiares e não é parte desse texto enunciar todos, mas há algo que os aproxima no sentido de percepção de mundo: se estruturam ao redor de um chefe religioso, apresentam discurso apocalíptico e propõe uma utopia social (Willaime, 2012). Contudo, nem todos os religiosos radicais atuam de modo conservador. Existem formas que podem ser caracterizadas pelo comportamento *progressista*. É o caso, por exemplo, das "teologias da libertação". (Ibid.; 2012).

Interessante notar o estudo de Michael Löwy (2016) sobre religião e política na América Latina que pontua essencialmente os modos pelos quais a teologia da libertação implicou na forma de reorganizar o mundo social, partindo das mudanças internas clericais da igreja católica após a Segunda Guerra Mundial que reorientam seus interesses para as demandas da população mais pobre diante da modernidade capitalista. Nesse sentido, os movimentos sociais que surgem aliados à Igreja Católica ganharam corpo, a partir dos congressos religiosos e ações de engajamento anticapitalista. A ideia central é demonstrar as afinidades entre essa nova ética religiosa, mesmo que momentânea, com o resgate das potencialidades do cristianismo como subversão da ordem hegemônica capitalista, procurando a emancipação e liberdade dos povos latino-americanos diante das contradições políticas, sociais e econômicas que formaram o cenário da sociedade desde meados da década de 60. (Löwy, 2016).

Dessa forma, os comportamentos de radicalismo e integralismo funcionam como componentes de ações políticas. Embora guardem as proporções de enunciação como estabelecimento de legitimação e poder dentro da sociedade, é preciso compreender que as instituições religiosas agem, segundo Willaime (2012), pela simbiose com o meio cultural e social, buscando o comportamento pacífico, algo contrário aos grupos de contestação localizados num tipo de "seita". A ideia aqui é



perceber que a unidade política é dada pelos seus processos históricos e caminhou para autonomia após o reconhecimento do pluralismo religioso (Willaime, 2012). Ou seja, reconhece-se como indivíduo e cidadão, independente de sua tradição religiosa.

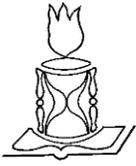
Portanto, encontramos o desdobramento da sociologia da religião em suas etapas de formação, enquanto produto de análise detida no catolicismo francês, e posteriormente, inclusão de religiões protestantes e o judaísmo. Adiante, o caminho traçado pela disciplina se dispôs a interpretar a religião pela contemporaneidade com as mutações das religiões em grupos radicais ou integralistas. Assim, os trabalhos que verificam a dimensão política são fecundos em seus desdobramentos, pois orientam em partes os estudos brasileiros sobre a religião.

Interessante notar a sistematização das pesquisas brasileiras que se organizam no debate político e intentam coletar e interpretar as informações dos grupos religiosos a partir de dados empíricos e conceitos sociológicos clássicos. Na seção seguinte, serão abordados os principais temas da sociologia da religião no Brasil e a permanência dos estudos orientados pela investigação política das formas religiosas, assim como o mapeamento das condições culturais e econômicas que formaram certos grupos religiosos no país.

4. Sociologia da Religião no Brasil: Perspectivas Gerais

Essa seção pretende apresentar um panorama de estudos sociológicos da religião, focalizando certas temáticas recorrentes em autores e autoras que lidam em seus trabalhos com questões sobre política partidária, eleições, direitos reprodutivos, e homofobia. Foram selecionados artigos que debatam a aproximação da sociologia da religião enquanto abordagem do fenômeno religioso, para uma revisão crítica das apreensões atuais que aproximam certas condutas de vida e seus estilos.

Em certo sentido, pode-se contextualizar a sociologia da religião no Brasil, a partir dos estudos de Candido Procopio Ferreiro de Camargo que se interessou pelo tema na década de 50, justamente pela inovação e expansão de seitas religiosas e igrejas pentecostais no país (Pierucci, 1996). Desde então, o panorama das religiões mudou, seja pelo incremento da secularização ou assimilação de novas crenças.



Ademais, diversos trabalhos foram produzidos no período até a atualidade e pontuam as principais características da disciplina em interpretar a atividade simbólica que é a religião e suas relações com a sociedade moderna brasileira.

Esses estudos mais detido são interessante no momento contemporâneo onde os debates estão próximos de visibilidade política dos grupos religiosos em questão. No trabalho de Prandi e Pierucci (1996) o questionamento sobre a sociologia da religião busca no caso brasileiro compreender a legitimidade e transformações pelas quais o país passou na década de 90, desde a diminuição do catolicismo como religião "oficial" e aumento gradativo de neopentecostais no setor público e político nacional, especialmente o envolvimento partidário e de voto para os representantes da "bancada evangélica" em Brasília, pentecostais nas eleições de 1994; além dos estudos sobre mercado religioso e liberdade religiosa. Há que se dizer das mudanças acontecidas no Brasil durante a década de 80 e início dos anos 90 que se orienta a partir:

“de processos de expansão do pentecostalismo, do kardecismo e da umbanda é a contraface do declínio e da erosão da religião dominante tradicional, o catolicismo, desgaste que, entretanto, não se reduza dessacralização e secularização. O panorama religioso brasileiro tem mudado não só porque há pessoas que desertam de seus deuses tradicionais laicizando suas vidas e seus valores, mas também porque há outras que em número crescente aderem a “novos” deuses, ou então redescobrem seus velhos deuses em novas maneiras” (PIERUCCI, 1996; p.10).

Aqui se trata de compreender na obra os novos modos de orientação dos grupos religiosos, especialmente na questão de eleições, identificação partidária e participação pública. Nesse sentido, caberia nessa seção teórica apresentar brevemente a religião e religiosos que participam da política partidária e do voto.

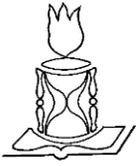
As pesquisas mais recentes podem ser caracterizadas pela investigação política partidária e intenções de voto ou composição do quadro legislativo ou executivo do país, dialogando com as partes religiosas e seu funcionamento com a



política brasileira. Na pesquisa de Marcelo Tadvald (2015) existe uma recuperação do sentido histórico do grupo religioso evangélico e sua Frente Parlamentar. Aqui o autor salienta que desde a redemocratização em 1985, a estratégia do grupo político é instrumentalizar o debate público pela esfera religiosa. A Frente potencializa um discurso conservador diante de pautas como legalização do aborto, criminalização da homofobia, direitos sexuais e civis, etc. Nesse sentido, encontramos algo parecido com as indicações de Willaime (2012) sobre grupos religiosos fundamentalistas protestantes e sua percepção de mundo voltada para a primazia da doutrina religiosa. Entretanto, segundo Tadvald (2015), os evangélicos representam apenas a exposição de um *ethos* conservador cristalizado e não seu aumento, isto é, haveria desde o catolicismo essa prática de lidar com instituição política com postura dogmática e moralizadora. Desde o início da República, os políticos católicos com o mesmo tipo de comportamento conservador em relação aos costumes não eram avaliados por sua moral ou posicionamento "católico", ao contrário dos evangélicos:

"A diferença é que deputados que professam ou que se guiam a partir da doutrina católica desde o nascimento da República jamais tiveram as suas posições políticas e morais avaliadas pela nação a partir do critério religioso, o que não acontece com os evangélicos atualmente. Assim, malgrado o declínio católico, o *ethos cristão conservador* da nação consegue se reinventar e se atualizar a partir da atuação evangélica no cenário político brasileiro." (TADVALD, 2015; p.285)

Portanto, discutem-se aqui os limites do conservadorismo e os critérios que estabelecem a reformulação de um comportamento moldado pela doutrina religiosa em relação à condução de uma vida pública dos deputados eleitos. A religião e política se misturam como unidade e partilham de uma atuação diante da sociedade. Assim, os conteúdos de interesse social são moldados pelo dogmatismo e estabelecem um confronto de ideias, justamente pela intenção de uma laicidade do Estado no Brasil. Aqui, segundo Ricardo Mariano (2011), não há força para promoção dessa secularização, ainda mais pelo avanço de dos grupos *católicos* e *evangélicos* nos pleitos políticos partidários que se organizam e mobilizam seus

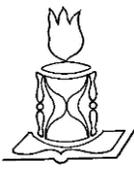


discursos no setor mediático, atuando pelo poder religioso e econômico (Mariano, 2011).

A expansão dos grupos religiosos pentecostais que culmina em suas participações decisivas em eleições também é tema do trabalho de Janine Trevisan (2015). A autora salienta a abordagem no plano de confronto entre as expectativas entre o movimento LGBT e os processos eleitorais desde 2002, onde os candidatos do Partido dos Trabalhadores, Lula (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2014), dialogaram com as bases evangélicas procurando atender suas causas, em paralelo as demandas do movimento LGBT. Além disso, as lideranças evangélicas eram contrárias às solicitações de movimentos sociais, grupos feministas nos temas sobre direitos reprodutivos e civis, aborto, etc. O conflito fora articulado desde o início da eleição e pode ser entendido com uma "disputa pelo exercício estatal de um controle social, pelo lado dos pentecostais, e, do lado dos movimentos sociais, pelo direito da autonomia individual". (JANINE, 2015; p.291).

Dado esse cenário onde o jogo político é travado por dois grupos sociais, anteriormente, na eleição de 2010, há o destaque de Tânia Almeida e Lourdes Bandeira (2013) para o tema ocupado pelo aborto durante o segundo turno daquele pleito. No trabalho, discutem-se os discursos políticos sobre o aborto, salientando sua prática com prerrogativas em lei (em caso de violência sexual, estupro ou incesto; risco de vida à gestante). Por outro lado, quando a discussão surge no campo político, implica-se em opiniões religiosas que atuam na censura do debate, isto porque, segundo as autoras, o Estado tornou-se espaço para que as bases religiosas busquem o controle administrativo, interferindo diretamente em políticas públicas que possam transformar culturalmente os valores. Além disso, no caso feminino, os segmentos cristãos percebem o corpo da mulher apenas pela destinação à reprodução. (Almeida e Bandeira, 2013).

Assim, temos nesse quadro os assuntos recorrentes na sociologia da religião no Brasil. De algum modo, eles mapeiam a discussão e tendem a apresentar características esboçadas por Jean-Paul Willaime (2012), no tocante às orientações de pesquisa. Entretanto, as religiões se manifestam de modo diverso e atuam na vida individual com certas especificidades. Então, parece que o caminho trilhado pelos



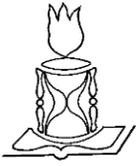
escritos brasileiros é o questionamento político do uso da religião como instrumento de controle social, desde sua emergência na modernidade, que em primeiro momento se separa da noção política, e depois, retorna para uma proposta de unidade totalizante que converge discursos religiosos para inspirar uma ação comunitária.

5. Conclusão

A Sociologia da Religião é campo fecundo no que diz respeito às pesquisas que convergem conduta religiosa e vida em sociedade. Desde as tradições sociológicas fincada em Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, as reflexões sobre o fenômeno religioso tenderam a fornecer elementos críticos para se pensar a sociedade moderna. Por outro lado, haveria nesse campo de estudos novas formas de apreensão sobre a realidade social interpretando como a construção da sociedade é partilhada pela experiência religiosa e os desdobramentos dessa, na condução e estilo de vida de determinado grupo social.

Para evitar definições obtusas para a religião Jean-Paul Willaime (2012) pondera que essa pode ser definida como "uma atividade social regular que emprega representações e práticas relativas à vida e à morte, à felicidade, e à infelicidade, associada a um poder carismático que se refere a entidades invisíveis" (WILLAIME, 2012; pp. 194-195). Desse modo, e por tratar em partes de algo externo à materialidade da vida cotidiana, os assuntos abordados por esse sistema religioso, atuam como um dispositivo para que os agentes sociais possam legitimar suas condutas no mundo e se filiarem na mesma concepção de ritos e crenças.

Dessa forma, os estudos sociológicos sobre a religião devem pensar que se trata de uma forma de organização social com viés político, no sentido de legitimar sua presença no espaço público e nele apresentar suas ideias, doutrinas e dogmas que contrastam com o entendimento e reconhecimento daqueles que não partilham da mesma profissão de fé. Acontece que nas pesquisas mencionadas, o espaço religioso brasileiro, apresenta-se justamente pela falta de um Estado laico capaz de organizar sua autonomia de espaço para ação de maneira impessoal, isto é, caso se



pense na ideia weberiana da separação entre esfera religiosa e política, a ética de fraternidade localizada na primeira, tensiona-se na aproximação com a segunda, pois a essência do Estado Moderno é modificar a distribuição interna de poder (Weber, 1963). Entretanto, o que se verifica é a consideração de que o Estado se tornou um espaço para que a religião assumisse o conteúdo dos debates de interesse público, tais como direitos civis, reprodutivos, processos eleitorais, profissão de fé e laicidade.

Portanto, a Sociologia da Religião permite compreender como certos comportamentos religiosos são dados, justamente por observar os agentes sociais questionando, no limite, as relações entre religião e sociedade. O que se apresentava no pensamento clássico sociológico sobre as limites da religiosidade na sociedade moderna parece ter indicações das propostas e delimitações acerca da problemática geral da sociologia enquanto disciplina no confronto entre religião, política e democracia. A reflexão aqui buscada é identificar as formas elaboradas pelos autores e autoras que convidam ao debate, demonstrando os movimentos históricos e sociais que despontam através da imaginação religiosa e suas práticas em sociedade. A crítica se constrói, assim, pela orientação das potencialidades encontradas no plano religioso em lidar com o mundo em permanente mutação, e a própria religião, que na sociedade ocidental moderna, parece disseminar seus sentimentos subjetivos, individualização, capaz de gerar novas comunidades e laços de pertencimento hábeis de mobilizações para construir diferentes pontos de vista sobre o mundo.



6. Bibliografia

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; BANDEIRA, Lourdes Maria. O aborto e o uso do corpo feminino na política: a campanha presidencial brasileira em 2010 e seus desdobramentos atuais. *cadernos pagu* (41), julho-dezembro de 2013:371-403.

COHN, Gabriel (org.). **Max Weber**. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em 26 set 2017.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e Religião**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

IANNI, Octavio (org.). **Karl Marx**. São Paulo: Ática, 1979.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da libertação: religião e política na América Latina**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular; 2016.

MARIANO, Ricardo. Antônio Flávio Pierucci: sociólogo materialista da religião. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 7-16, fev. 2013. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 set. 2017.

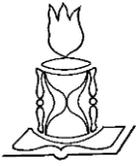
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100001>.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, dez. 2004. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 set. 2017.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>.

MARX, Karl. **A questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.



- OLIVEIRA, A. S. (2009). Desvendando a religião e as religiões mundiais em Max Weber. In: Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, jun. 2009, p. 136-155.
- PIERUCCI, Antonio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RODRIGUES, José Albertino. **Émile Durkheim**. São Paulo: Ática, 1984.
- TADVALD, Marcelo. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. Debates do NER, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 259-288, jan./jun. 2015.
- TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). Religiões em Movimento. Petrópolis: Vozes, 2013.
- TREVISAN, Janine. Pentecostais e movimento LGBT nas eleições presidenciais de 2014. Debates do NER, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 199-232, jan./jun. 2015.
- WEBER, Max. Parte III - Religião. IN: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- _____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.